

Matérias do Setor

Sacola plástica é o tipo mais sustentável, diz estudo

As sacolinhas plásticas de supermercado causam menos danos ambientais que outros modelos, quando a comparação leva em conta o uso da sacola uma única vez, defende um estudo da Agência Ambiental da Inglaterra. A pesquisa do órgão governamental inglês explica que sacolas de papel, plástico resistente (polipropileno) e algodão consomem mais matéria-prima e energia para sua fabricação. Por isso, teriam que ser reutilizadas 3, 11 ou 131 vezes, respectivamente, para causar menos danos ambientais que uma sacola plástica usada apenas uma vez.

O estudo divulgado em fevereiro no Reino Unido analisa, especificamente, o potencial de aquecimento global dos diferentes modelos de sacolas. Para isso, os pesquisadores Chris Edwards e Jonna Meyhoff Fry acompanharam o ciclo de vida (extração de matéria-prima, manufatura, distribuição, uso, reuso e descarte) de cada modelo. Em cada uma das etapas do ciclo de vida, foi contabilizada a quantidade de gases causadores do efeito estufa emitidos pelo consumo de energia na fabricação e no transporte das mercadorias, além dos desperdícios de materiais durante o processo.

A partir desse acompanhamento, os pesquisadores verificaram que, em seu ciclo de vida completo, uma sacola plástica comum emite 1,5 kg de gás carbônico e outros gases que contribuem para o aquecimento global. O dado já considera que 40% desse tipo de sacola são reutilizados com frequência pelos ingleses para acondicionar o lixo em casa. Já o ciclo de vida das outras sacolas têm um impacto bem maior: papel (5,53 kg), plástico resistente (21,5 kg) e algodão (271,5 kg). Isso é o que explica a necessidade de tantos reusos para neutralizar a fabricação desses modelos, de acordo com a pesquisa.

Outro ponto importante foi a constatação de que, na Inglaterra, o uso de matérias-primas e a fabricação das sacolas concentram em média 70% dessas emissões de carbono. A partir desses dados, o estudo conclui ainda que sacolas que foram feitas para durar mais - como as de plástico mais resistente ou as de algodão - também exigem mais recursos para sua fabricação. Portanto, se não forem reutilizadas devidamente, o potencial de aquecimento global pode ser pior que o das sacolas plásticas.

Reações no Brasil

O presidente do Instituto Akatu de Consumo Consciente, Hélio Matar, afirmou que, apesar desses resultados, as sacolas plásticas não são a opção mais sustentável. Segundo ele, é preciso ponderar os dados da pesquisa. Ele lembrou que os estudos foram realizados na Inglaterra, onde a matriz energética baseada em combustíveis fósseis torna a atividade industrial - e a fabricação de qualquer tipo de sacola - muito mais poluente. "No Brasil, o resultado certamente seria diferente", disse, ao lembrar que o País tem uma matriz energética limpa, baseada em hidrelétricas.

Para Cláudio José Jorge, presidente da Fundação Verde (Funverde), a pesquisa também destoa da realidade no Brasil por outro motivo: a sacola de algodão costuma ser maior que a sacola plástica convencional e comporta praticamente o dobro de itens. "Uma sacola retornável substitui mais de uma sacolinha plástica e carrega mais itens no supermercado ou na feira. Isso ajuda a neutralizar o impacto da fabricação", defende.

Hélio Matar acrescentou que as sacolas plásticas também são responsáveis por outros danos ambientais não contabilizados pela pesquisa, cujo foco foi o aquecimento global. "O volume de

sacolas descartadas no Brasil é gigante, em torno de 150 bilhões de unidades por ano", disse. Segundo Matar, isso cria problemas como entupimento de bueiros e enchentes nas cidades, além de sobrecarregar aterros sanitários. "Em um País com recursos financeiros limitados como o nosso, isso representa uma dificuldade a mais para a administração pública", afirmou. Já Miguel Bahiense, presidente da Plastivida, entidade ligada ao setor produtivo do plástico no Brasil e divulgador da pesquisa no País, tem opinião contrária. "Os questionamentos no Brasil não têm levado em conta as questões técnicas e ambientais. Se a sacola plástica teve o melhor desempenho na pesquisa, por que proibir o produto?", argumenta. Bahiense ainda sugere que, em vez de coibir as sacolas plásticas, como tem ocorrido em algumas cidades, é preciso conscientizar a população. Ele defende a necessidade de ensinar os cidadãos a diminuir o consumo de sacolas, reaproveitá-las ao máximo e encaminhá-las para reciclagem sempre que possível.

Fonte: Agência Estado, Gazeta do Povo, Estadão, Revista Exame, etc

Comércio de BH diz que não vai cumprir a "lei da sacola"

O comércio de Belo Horizonte não está pronto e não vai conseguir cumprir a lei que proíbe o uso de sacolas plásticas, que entra em vigor na próxima segunda-feira. De acordo com o vice-presidente do Sindicato dos Lojistas do Comércio de Belo Horizonte (Sindilojas), Paulo Cançado, a maioria dos lojistas ainda tem sacolas plásticas estocadas, e a única empresa que fabrica as embalagens compostáveis não consegue atender a tempo todos os pedidos. Ele afirma que a entidade vai pedir à prefeitura mais seis meses de prazo para se adequar à lei. "O comércio não tem como cumprir a lei agora", diz. "Todos os pedidos novos estão sendo feitos para as novas sacolas, mas ainda não recebemos", completa. Cançado lembra ainda que, ao contrário dos supermercados, que têm embalagens padrão, as lojas demandam sacolas de todos os tamanhos, "para embalar um brinco e uma bicicleta", e terão que arcar com os custos da nova embalagem, já que não irão cobrar do consumidor. A nova sacola custa 20 vezes mais que a de plástico. A decisão de banir as sacolas plásticas de Belo Horizonte está longe de ser unanimidade. Enquanto os supermercados defendem os benefícios ambientais da medida, o presidente da Plastivida Instituto Sócio Ambiental dos Plásticos, Miguel Bahiense, que representa 85% da indústria do plástico, faz críticas. "Não creio ser correto obrigar a população a usar apenas um tipo de material. É um retrocesso", afirmou. Para ele, o apelo de banir a sacola plástica é "muito bonito", mas representa um custo a mais para o consumidor, já que a nova sacola custará R\$ 0,19. Ele diz ainda que o plástico não é o maior vilão ambiental e não vai sumir do mercado, já que os sacos de lixo que as pessoas comprarão ainda serão feitos do material. "Classificar a sacola plástica como vilã do meio ambiente é, no mínimo, um erro, porque não há o cuidado técnico, científico, social e econômico para se trazer uma decisão como essa", diz. Ele aposta que a lei não vai "pegar" porque não foi discutida com a sociedade. O presidente da Associação Brasileira da Indústria das Embalagens Plásticas (Abief), Alfredo Schmitt, disse que as sacolas plásticas são 100% recicláveis. "Os supermercados estão querendo é vender a sacola. Todas as soluções apresentadas causam ônus ao consumidor. É um marketing econômico disfarçado de marketing ambiental", atacou. Mas o superintendente da Associação Mineira de Supermercados (Amis), Adilson Rodrigues, disse que a intenção é eliminar o uso de qualquer sacola que não seja a retornável.

Fonte: *Jornal O Tempo (MG)*.

Quem terá vida longa?

O retorno das embalagens de vidro é uma tendência perceptível nas gôndolas. Mas o produto está longe de substituir, por completo, o plástico

Com a chegada dos saquinhos plásticos, das PETs, das caixinhas de papel e das latinhas de alumínio, as embalagens de vidro se tornaram menos funcionais e ganharam outros papéis: decorativas e até artigo de colecionador. É só lembrar das famosas garrafinhas de 237 ml da Coca-Cola. Elas sobrevivem há 95 anos. Tem muita gente que as mantém em exposição, como um objeto retrô. Mas, como embalagem, nas últimas décadas elas representaram apenas 13% das vendas da marca.

Na Europa, existe uma tendência crescente na retomada das embalagens de vidro e aqui no Brasil também já é possível ver algumas iniciativas neste sentido. A química Patricia Sottoriva, doutora em biotecnologia e professora de engenharia ambiental da PUCPR, conta que, por parte das empresas, está havendo investimento na retomada das embalagens de vidro, considerando-se, principalmente, a manutenção das propriedades originais da bebida e os impactos ambientais.

Uma parceria nacional entre as empresas Vitalatte Laticínios e a Verallia apresenta a garrafa de vidro para o envase do leite – uma versão moderna do leite fresco que o leiteiro entregava no passado. “A embalagem de vidro é inerte, higiênica, não interfere no sabor de alimentos e bebidas, garantindo assim a qualidade original do seu conteúdo”, afirma o diretor comercial da Verallia, Paulo Dias.

Diferente do plástico, o vidro não mantém nenhuma interação química com o conteúdo armazenado e, segundo Dias, a inalterabilidade possibilita que os produtos por ele embalados tenham o dobro do prazo de validade comparado a outras embalagens. O diretor destaca a relevância desse projeto para o consumidor – que busca cada vez mais qualidade – e para o meio ambiente, afirmando que a empresa vai incentivar o retorno de forma efetiva.

Logística de reaproveitamento

Patricia Sottoriva afirma que além do investimento na retomada do vidro, as empresas precisam pensar na logística da coleta desse material. O ideal é que o consumidor possa devolver a embalagem vazia para o comércio e, em seguida, que essa garrafa seja recolhida pela empresa responsável. Quando isso não é possível, recomenda-se que o consumidor descarte o vidro no lixo de coleta seletiva, tomando as devidas precauções para que não ocorra nenhum acidente.

Tanto os procedimentos de reutilização da garrafa intacta ou de reciclagem dos cacos de vidro somam alguns benefícios. Paulo Dias diz que a produção de vidro a partir da reciclagem dos cacos apresenta economia substancial de energia comparativamente ao processo com matérias-primas virgens. “Além disso, garante menor extração desses insumos e propicia a redução do volume de lixo nos aterros.”

Segundo Patricia, a produção de uma tonelada de vidro, a partir do próprio vidro, evita a extração de 1,3 toneladas de areia e consome metade da quantidade de água utilizada no processo a partir da matéria-prima.

O contra-ataque do plástico

Para os especialistas, considerando-se questões sociais e econômicas – como cotações em alta do petróleo – a produção de plástico derivado desse recurso tende a diminuir. Porém, o vidro não é apontado como a única solução e outras vertentes estão surgindo. Patricia acredita que a produção do bioplástico, que pode ter como matéria-prima a cana-de-açúcar, aumentará. O bioplástico é diferente do plástico oxibiodegradável, o qual é feito a partir do petróleo, e tem como principal vantagem o fato de degradar mais facilmente no meio ambiente.

Seguindo esses caminhos, recentemente as multinacionais Coca-Cola e a Pepsi lançaram as garrafas PET feitas parcialmente de restos de plantas. O próximo passo é criar uma garrafa 100% elaborada com resíduos vegetais. Como se vê, o plástico não sairá do dia a dia da população tão cedo.

Os dois lados

A química e doutora em biotecnologia Patricia Sottoriva, professora de engenharia ambiental da PUCPR, comenta sobre alguns fatos que envolvem a produção, a utilização e o reaproveitamento do plástico e do vidro.

Verdade: o plástico libera substâncias prejudiciais ao organismo humano.

Quando exposto a temperaturas elevadas, o produto sofre uma desestruturação em suas propriedades, liberando substâncias passíveis de desencadear câncer ou outros problemas crônicos. Essas consequências só serão percebidas a médio e longo prazo. Com o vidro, isso não acontece, por isso ele é mais seguro que o plástico para o armazenamento de produtos que serão ingeridos.

Mito: reciclar é sempre a opção mais vantajosa

A reciclagem é um processo muito importante pela questão da preservação dos recursos naturais. Mas, reciclar uma tonelada de plástico consome 100 mil litros de água a mais que a mesma quantidade sendo produzida desde o início (extraído o petróleo – o que também não é a melhor escolha). No caso do vidro, se o recipiente não sofreu contaminação, ele pode ser esterilizado e reutilizado, já que o produto é inerte. Nesse procedimento com as embalagens de vidro retornáveis não há extração de matéria-prima e há economia de água e energia. Se o processo de reciclagem do plástico for comparado ao de reutilização do vidro, o segundo método é mais vantajoso.

Serviço

Fonte: livro Os bilhões perdidos no lixo, de Sabetai Calderoni (Ed. Humanitas FFLCH/USP, 2003), e artigo de Erika Hisatugo publicada na revista Sociedade e Natureza (2007).

Fonte: Gazeta do Povo

Dow inaugura primeiro Centro de Desenvolvimento de Aplicações de plásticos do Brasil

A The Dow Chemical Company inaugurou, em Jundiaí, SP, o primeiro laboratório de plásticos do Brasil focado no desenvolvimento de soluções sustentáveis. O local será destinado a pesquisas e testes de produtos para as mais diversas áreas de aplicação, como embalagens especiais para alimentos, filmes e embalagens industriais, embalagens rígidas e soluções para o mercado de tubos de polietileno. "Iremos desenvolver junto com nossos clientes soluções inovadoras que proporcionem uma diferenciação no mercado. Aliando o portfólio da Dow a essa estrutura, ganharemos ainda mais rapidez, agilidade e capacitação de nossos clientes", afirma Nestor de Mattos, diretor de vendas da área de Plásticos da Dow Brasil. O laboratório ocupa uma área de 1100 m² distribuídos em diversas seções, como o laboratório de caracterização de polímeros, onde será possível realizar análises de identificação de materiais (qual o tipo de polímero, aditivos, identificação microscópica de estruturas, contaminantes, entre outros).

Fonte: *Blog do Plástico*.

Venda de embalagens está sujeita ao ICMS

O Supremo Tribunal Federal concedeu, ontem (13), uma liminar aos fabricantes de embalagens (que podem levar plásticos em seus processos produtivos) para que deixem de recolher o ISS sobre suas operações. O entendimento é de que as atividades gráficas envolvidas na fabricação de embalagens devem ser tributadas pelo ICMS. A liminar foi concedida, por unanimidade, na análise de uma ação direta de inconstitucionalidade (Adin) da Associação Brasileira de Embalagem (Abre). A entidade contesta um trecho da Lei Complementar nº 116, de 2003 que determina a tributação, pelo ISS, das atividades gráficas.

Fonte: *Valor Econômico*.

Braskem investirá R\$ 225 mi na Bahia neste ano

Projetos incluem produtos de alto desempenho, qualificação de mão de obra especializada, infraestrutura, tecnologia e inovação

SÃO PAULO - A Braskem anunciou nesta segunda-feira, 11, que investirá aproximadamente R\$ 225 milhões na Bahia ao longo de 2011. De acordo com a companhia, os projetos incluem produtos de alto desempenho, qualificação de mão de obra especializada, infraestrutura, tecnologia e inovação.

A modernização e atualização tecnológica das unidades produtivas do Polo Industrial de Camaçari terão cerca de R\$ 200,5 milhões do montante de investimentos previsto para o ano. Segundo nota divulgada nesta segunda pela assessoria de imprensa da empresa, os projetos dessa área visam ao aumento de produtividade, automação industrial, aumento da capacidade de produção, segurança das pessoas e dos processos.

A área de tecnologia e inovação na Bahia terá aporte de R\$ 24,1 milhões em 2011. A Braskem continua com o desenvolvimento da Fibra UTEC, iniciado em 2010, com tecnologia 100% nacional e planta piloto em Camaçari. Conforme a empresa, a Fibra UTEC é uma alternativa aos cabos de ancoragem das plataformas de exploração de petróleo existentes hoje, ideal para explorações em altas profundidades, como no pré-sal. Além disso, é indicada para a confecção de coletes à prova de balas.

A companhia informa ainda que dará continuidade aos projetos de qualificação de mão de obra especializada nas comunidades do entorno do Polo Industrial de Camaçari que venham atender às suas demandas operacionais. A ênfase será nos programas de formação técnica, junto com as empresas parceiras da Braskem, de caldeireiro, isolador, mecânico e montador de andaimes, com estimativa de capacitação de 250 profissionais.

Fonte: Agência Estado

Lançamentos de embalagens caem em 2011

Os lançamentos mundiais de embalagem (entre elas as de plástico) tiveram redução de 4,89% no primeiro trimestre de 2011. É o que indica um levantamento realizado pelo Núcleo de Estudos de Embalagem ESPM, utilizando as ferramentas GNPD Global New Products Database, da Mintel, e Euromonitor. No Brasil, a queda foi ainda mais expressiva, chegando a 11,96% em relação ao mesmo período do ano passado. De janeiro a março foram lançadas 66.615 embalagens, contra 66.885 nos mesmos meses de 2010. O reflexo da tragédia no Japão, que em 2010 ocupava o quarto lugar do ranking, levou o país a cair para a oitava posição. O Canadá foi o destaque, saltando da sétima posição em 2010 para a quarta em

2011. A China também se recuperou e subiu do nono lugar, no ano passado, para o sétimo. Já o Brasil avançou uma posição, passando para a quinta colocação, enquanto Índia também apresentou um desempenho favorável, garantindo a sexta posição. A liderança continua sendo dos Estados Unidos e aparecem ainda Reino Unido (2º), Alemanha (3º), França (9º) e Espanha (10º). Entre as categorias que mais lançaram ou renovaram embalagens, produtos para os lábios, produtos para o rosto e biscoitos doces continuam sendo as três principais, mantendo suas posições nos últimos cinco anos. Produtos para o corpo, que estava na quarta colocação em 2010, deu lugar a esmalte para as unhas. Já produtos de carne voltaram para o ranking, após dois anos fora. Segundo Fabio Mestriner, Professor Coordenador do Núcleo de Estudos de Embalagem ESPM, no Brasil, a categoria com maior número de lançamentos foi produtos para o corpo, enquanto biscoitos doces, que ocupava a segunda posição até o ano passado, caiu para o oitavo lugar.

Fonte: *Exame.com*

Blocos de EPS são utilizados na duplicação da BR 101

Blocos de EPS (Isopor®) foram utilizados em substituição ao solo compactado na duplicação da Rodovia BR 101, na cabeceira da ponte sobre o rio Preto, no estado da Paraíba. Foram usados 7.000 m³ de EPS em blocos com dimensões de 4 metros de comprimento, por 1,25 m de largura e 1 m de altura, fornecidos pela Knauf Isopor, unidade Cabo de Santo Agostinho (PE). Esta é a primeira obra em estradas da região que utiliza o conceito de aterro ultraleve, com aplicação de isopor em solos moles. Largamente adotada nos Estados Unidos e Europa, a aplicação do EPS em estradas ainda é pouco conhecida no Brasil. O seu uso na estrutura resolve dificuldades com solos moles, substituindo o tradicional aterramento, e serve como base para receber o asfalto, evitando recalques na pista, comuns quando utilizado a terra neste tipo de solo. De acordo com João Marcelo Bortoloto, Gerente Comercial da Knauf Isopor, empresa dona da marca registrada Isopor®, e fornecedora deste Isopor® para obra, um dos principais problemas na construção de rodovias é o chamado solo compressível localizado próximo aos leitos dos rios, que são camadas de aterros onde a presença de material orgânico é predominante. “Para resolver as dificuldades com a baixa resistência nestas áreas são aplicados blocos de EPS”, explica o profissional. E completa: “bloco de EPS é resistente à compressão, bem mais leve que os outros materiais, proporcionando uma redução na pressão exercida em cima desses solos, e pelo seu baixo custo em comparação com outras tecnologias. Outra qualidade do isopor é ser totalmente reciclável e a sua decomposição levar cerca de 400 anos, o que garante a segurança e a estabilidade ao terreno onde foi aplicado”. Com 59,4 quilômetros de extensão, a duplicação da BR-101, no chamado “Corredor Nordeste”, começa na entrada do município de Lucena, na Paraíba, e se estende até a divisa com o estado de Pernambuco. A obra faz parte do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC), sob responsabilidade do Departamento Nacional de Infra-Estrutura de Transportes (DNIT/PB) e do 1º Batalhão de Engenharia de Construção do Exército.

Fonte: *redação do Leia!*

Plástico verde já é matéria-prima para fabricar embalagem de Coca-Cola e de ketchups Heins

Apesar dos danos ambientais, o plástico está associado à vida cotidiana. Sua versatilidade, resistência e baixo custo o tornam difícil de substituir. As preocupações com o impacto ambiental, no entanto, estimularam a pesquisa de alternativas. Na última década, a indústria química deslançou o desenvolvimento de resinas plásticas derivadas de organismos vivos. O chamado plástico verde, originário da cana-de-açúcar e ou milho, começa ganhar escala comercial e já pode ser encontrado em embalagens de cosméticos, alimentos e bebidas, nas sacolas de supermercados e no acabamento interno dos automóveis. A cana-de-açúcar brasileira desfruta status privilegiado como insumo do plástico verde. É uma cultura que não compete com áreas destinadas ao plantio de alimentos e é produzida em larga escala. O etanol brasileiro foi escolhido pela Coca-Cola para seu projeto global, de desenvolver uma garrafa PET com 30% de origem vegetal (empresa pretende alcançar 100%). A garrafa, lançada em 2010, em nove países, exige, atualmente, uma complexa logística. A empresa compra etanol das usinas brasileiras e envia o combustível para a Ásia, onde é produzido um polímero, que é transportado aos países, onde as garrafinhas são feitas, inclusive o Brasil. Em 2010, 2,5 bilhões de embalagens saíram das engarrafadoras com essa tecnologia, reduzindo em 20% o impacto da emissão de carbono – o equivalente a 60 mil barris de petróleo. A Coca-Cola vai

fornecer 120 milhões de embalagens para a americana Heinz em 2011, que as utilizará para vender seus ketchups.

Fonte: *Veja*.

Indústria cria sacola plástica resistente

Pesquisa que rejeita a má fama das sacolas plásticas usadas nos supermercados, estimulou a luta das empresas brasileiras a favor da reabilitação da imagem destas embalagens consideradas inimigas do meio ambiente. "É um assunto de educação", pondera o engenheiro químico Miguel Bahiense, presidente do Instituto Sócio Ambiental dos Plásticos (Plastivida). A entidade representa a cadeia produtiva do setor e tem a Escola de Consumo Responsável para orientar sobre o uso racional de embalagens de plástico e reverter a pressão que pretende eliminar as sacolas do mercado. "Com a produção de sacolas mais resistentes (pois demoram para serem descartadas), multiuso e recicláveis, a indústria já fez a sua lição de casa. Falta convencer maciçamente o consumidor e os varejistas a respeito destas críticas equivocadas", comenta Bahiense.

Fonte: Brasil Econômico

Matérias Nacionais

Trelleborg conclui compra de fábrica de tubos no Brasil

A companhia industrial sueca Trelleborg informou, ontem, que concluiu a aquisição de um negócio de petróleo e gás offshore, no Brasil, da subsidiária da Veyance Technologies. O valor do negócio não foi informado. A unidade comprada está focada em tubos de óleo especialmente concebidos para aplicações em superfície e profundidade para a indústria de extração de petróleo e gás no Brasil. A fábrica está localizada em Santana de Parnaíba, na região metropolitana de São Paulo. A operação será integrada à área de negócios da Trelleborg Engineered Systems.

Fonte: *Dow Jones*.

Parque tecnológico no ABC

A Prefeitura de Mauá, a Agência de Desenvolvimento Econômico do ABC e a Braskem ofereceram ao governo do estado de SP um terreno de 160 mil m² para a construção do polo tecnológico na cidade. A proposta foi entregue, esta semana, durante reunião no Palácio dos Bandeirantes. A Braskem é a proprietária da área oferecida na reunião e fica na Avenida Alberto Soares Sampaio, em Mauá, e que faz divisa com o Polo Petroquímico de Capuava, em Santo André. A ação reflete o bom momento vivido pela região do ABC. "Existe o interesse por parte das principais empresas do ramo petroquímico de se instalar em locais mais afastados, mas não distante das cidades e Mauá recebeu uma ótima oportunidade, já que o Rodoanel passa no seu quintal", afirmou José Camaraddi, professor de engenharia química da USP. Para o especialista, Mauá vem tentando criar uma identidade industrial, como já possuem as outras cidades do ABC. O vice-governador e secretário estadual de Desenvolvimento, Guilherme Afif Domingos, analisa o pedido de Mauá. Afif pediu que a prefeitura e a Agência apresentem um estudo com a vocação econômica do polo. De acordo com a prefeitura, o governo estadual tem interesse na montagem de polos tecnológicos em diversas regiões do estado. Mauá conta com a instalação de empresas da cadeia petroquímica e com o funcionamento do polo tecnológico, possibilitará o desenvolvimento de novas tecnologias para as companhias do segmento, do pré-sal e da terceira geração do plástico, de acordo com Edilson de Paula, secretário de Desenvolvimento Econômico e de Trabalho e Renda da Prefeitura de Mauá. "Avançamos na nossa demanda e vamos providenciar o estudo pedido pelo vice-governador", acrescentou o secretário.

Fonte: *Diário do Grande ABC*.

Sinopec e Petrobras fazem parceria

A chinesa Sinopec fechou com a estatal brasileira um acordo para explorar em parceria dois blocos em águas profundas na bacia Pará-Maranhão, informou o diretor-adjunto da Sinopec no

Brasil, Carlos Stenders. Ele não informou como ficou a participação de cada empresa no acordo final, que inicialmente previa 60% para a Petrobras e 40% para a Sinopec.

Fonte: *Folha de S. Paulo*.

Visita à China rende promessa de ajuste cambial e na Selic

Durante sua passagem pela China a presidente Dilma Rousseff sinalizou sua apreensão com a questão cambial brasileira ao dizer que o valor excessivo do real, na comparação com o dólar é uma "grande preocupação".

"Nós temos tomado todas as medidas possíveis para enfrentar o problema do câmbio num quadro em que a política cambial é flexível. Todos nós sabemos, perfeitamente, o porquê nós estamos [fazendo isso]", afirmou a presidente durante a visita.

Dilma enumerou as questões que geram a valorização do câmbio brasileiro, como a inundação de recursos provocada pelo mecanismo chamado de quantitative easing (injeção de dinheiro na economia) adotado pelos Estados Unidos, passando pelo ajustes orçamentários nos países desenvolvidos e chegando "até ao fato de o Brasil ainda operar com taxa de juros mais elevada do que o resto do mundo".

A presidente acrescentou que "não é uma situação que se resolve por decreto". Mas disse que o governo está "consciente, alerta e tomando as medidas necessárias para que o problema não fique maior do que já é". Ao ser questionada sobre as reclamações de empresários brasileiros, que dizem ter dificuldades para exportar para a China, justamente por conta do câmbio, a presidente disse que hoje o mundo assiste a um processo pelo qual a disponibilidade de grande liquidez provoca processos "extremamente instáveis" de valorização de moedas. "Temos visto um esforço imenso que o Ministério da Fazenda e o Banco Central vêm fazendo no sentido de coibir movimentos especuladores. Vamos continuar perseguindo isso", insistiu.

Para o presidente da Transaex, Paulo Pinto, a questão cambial já está inserida no cronograma do governo federal, atrelado a políticas econômicas do País.

"O câmbio tem o seu destaque na receita financeira do governo, porém, as políticas econômicas que envolvem a depreciação da moeda estão atreladas às questões fiscais, os gastos governamentais e a arrecadação de impostos. A partir do momento que a Dilma adota esse discurso, ela demonstra que vai encontrar meios para que as políticas econômicas para a inversão do quadro cambial valorizado, que já teve início com a redução do orçamento da União de 2011", argumentou Pinto.

Outra afirmação da presidente, com relação a economia brasileira, foi relacionada a taxa de juros - Selic. "Iremos derrubar os juros ao longo do meu governo, para torná-lo compatível com a taxa internacional. Não vou derrubar depois de amanhã. Estou dizendo que é num horizonte de quatro anos. É possível, sim, perfeitamente. Esse é o desafio que o Brasil vai ter de enfrentar, pelo menos desta vez", afirmou.

Questionada sobre qual seria o valor da taxa de juros compatível, Dilma frisou que "ninguém poderia responder".

Segundo Paulo Pinto, uma taxa de juros compatível com o mercado internacional giraria em torno de uma redução de 25% a 30% da atual 11,75%, o que resultaria na Selic entre 6% e 7%. "Esta redução é possível nos próximos quatro anos de governo, caso não haja nenhum acontecimento mundial como uma nova crise."

Acordos

Os presidentes do Brasil e da China (Hu Jintao) assinaram acordos de cooperação nas áreas de política, defesa, ciência e tecnologia, recursos hídricos, inspeção e quarentena, esporte, educação, agricultura, energia, energia elétrica, telecomunicações e aeronáutica, entre outros.

Segundo comunicado conjunto, os presidentes reiteraram o compromisso de promover "o desenvolvimento das relações bilaterais com visão estratégica e de longo alcance".

A China manifestou disposição de incentivar suas empresas a ampliar a importação de produtos de maior valor agregado provenientes do Brasil, e ambos os países se comprometeram a ampliar e diversificar investimentos recíprocos, em particular na indústria de alta tecnologia e automotiva, além dos setores de energia, mineração e logística, sob a forma de parcerias entre empresas chinesas e brasileiras.

"Dados oficiais do Ministério das Relações Exteriores apontam uma alta participação das exportações brasileiras para a China de 13,2%, enquanto a China representa 12,5% das importações totais do Brasil. Nesse sentido, o continente asiático como um todo é expressivo para o Brasil na geração de entrada de divisas, gerando superávits comerciais", explica Giuliana Santini Pigatto, professora doutora em Comércio Exterior da Unesp.

"Não podemos mensurar em valores como os acordos realizados na China irão beneficiar o Brasil, mas estes determinam que a China é o foco e a preocupação como principal parceiro comercial definitivamente, e não mais esporádico. A balança comercial com a China é superavitária e o equilíbrio qualitativo deverá acontecer, mas não como resultado dessa visita, este é o primeiro passo de amadurecimento da relação comercial", finaliza o presidente da Transaex.

Fonte: DCI

Produtividade perde dos salários em 70% dos setores industriais

Conjuntura: Resultado do primeiro bimestre em relação a 2010 traz riscos para a inflação, dizem economistas

No primeiro bimestre do ano, o avanço dos salários acima da variação da produtividade foi generalizado. Além da indústria extrativa, isso ocorreu em 12 dos 17 setores da indústria de transformação que aparecem na Pesquisa Industrial Mensal de Emprego e Salário (Pimes), com destaque para os segmentos de produtos químicos, coque, refino de petróleo e álcool e máquinas e equipamentos. A comparação é com o mesmo período do ano passado.

No segmento de produtos químicos, por exemplo, a folha de pagamento por trabalhador aumentou 6,7% no primeiro bimestre, descontada a inflação, ao passo que a produtividade encolheu 3,1%, em relação aos mesmos meses de 2010. Em 12 meses, os salários no segmento avançaram 5% acima da inflação, enquanto os ganhos de eficiência subiram 1,9%, resultado da comparação da alta 3,5% da produção e de 1,9% do número de horas pagas aos trabalhadores.

Segundo o Índice de Preços ao Produtor (IPP), lançado na semana passada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), as cotações de produtos químicos subiram 7,6% no primeiro bimestre e 13,6% em 12 meses. A influência da alta do petróleo sobre o setor parece mais relevante para esse movimento, mas os custos salariais em alta também podem contribuir para as empresas reajustarem os preços.

Para o analista-sênior para a América Latina da consultoria Medley Global Advisors, Bernardo Wjuniski, o crescimento dos salários a um ritmo superior ao da produtividade tem ajudado a empurrar a inflação para cima, num cenário de demanda ainda forte. Segundo ele, quem sofre muito a concorrência do importado comprime margens de lucros, mas há uma parte razoável das empresas que tem conseguido repassar esses aumentos de custos. Em 12 meses até março, o Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) acumula alta de 6,3%, perto do teto da meta, de 6,5%.

A produtividade se enfraqueceu nos últimos meses devido à perda de fôlego da indústria, algo esboçado no segundo trimestre de 2010 e confirmada a partir da segunda metade do ano. A questão é que a produção passou a patinar, mas o mesmo não ocorreu com o número de horas pagas e com os gastos salariais das empresas.

Em 2010, por exemplo, a produção industrial cresceu 10,5%, uma alta concentrada especialmente no começo do ano. Nos 12 meses até fevereiro, o aumento já perdeu fôlego, atingindo 8,6%. Enquanto isso, o número de horas pagas, que tinha crescido 4,1% em 2010, avançou 4,4% nos 12 meses até fevereiro.

O professor Carlos Eduardo Gonçalves, da Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade (FEA) da USP, diz que a produtividade, medida pela comparação da produção com o número de horas pagas, tem um caráter muito cíclico - sobe muito quando a produção avança, e a cair muito quando ela recua, enquanto o número de horas pagas varia menos, dado o custo elevado de se contratar e demitir no Brasil. Os números podem sugerir ganhos ou perdas de eficiência de modo exagerado.

Feita essa ressalva, Gonçalves vê riscos de que os salários aumentem com força, num momento em que os índices de preços em 12 meses estão pressionados, em meio a um choque de commodities, e há dúvidas quanto à credibilidade anti-inflacionária do Banco Central. Nesse cenário, observa ele, aumenta o risco de indexação dos salários à inflação passada, o que infla o custo do trabalho da indústria.

Fonte: Valor Econômico

Reajuste de derivados ameaça competitividade da indústria

O governo e a Petrobras estão em rota de colisão quanto a um possível reajuste dos combustíveis e dos demais derivados do petróleo. O ministro da Fazenda, Guido Mantega (que acumula o cargo de presidente do Conselho de Administração da petrolífera), desmentiu o presidente da companhia, José Sérgio Gabrielli, que havia informado que a empresa poderia

efetuar um aumento de preços por conta da alta da cotação do petróleo. O executivo mudou seu posicionamento quanto a este assunto e afirmou que se a cotação do petróleo no mercado internacional se mantiver no nível atual, o reajuste seria inevitável para que a empresa consiga recompor as margens no País. "O petróleo tipo Brent [que é utilizado pela Petrobras como referência] fechou cotado a US\$ 122 o barril, há dois meses estava a US\$ 100. É uma variação muito grande", disse o executivo. "Caso se configure uma determinada estabilização do preço do petróleo no plano internacional, vamos ter que alterar os preços do petróleo no Brasil e consequentemente os preços dos derivados", afirmou. Diante deste impasse, o setor industrial brasileiro adota o cenário mais pessimista e começa a reavaliar os seus custos de produção. Se esse aumento se confirmar, a expectativa é de que as importações ganhem fôlego extra, principalmente nos setores onde o gás natural e o óleo combustível são insumos básicos para a produção, em decorrência da perda, ainda maior, da competitividade da indústria local.

Fonte: *DCI Online*.

Matérias Internacionais

Braskem estuda distribuição própria nos EUA a partir de Houston

A Braskem é uma das empresas brasileiras que, em seu processo de internacionalização nos Estados Unidos, se estabeleceu em Houston, no Texas. O primeiro escritório na cidade foi aberto para a venda de resinas termoplásticas, cerca de quatro anos atrás. Há cerca de um ano, satisfeita com os resultados, a empresa resolveu ampliar a operação e passou a negociar também produtos químicos básicos (líquidos e gases) diretamente com distribuidores locais, eliminando atravessadores. "Ganhamos em margem", conta Rodrigo Carnaúba, gerente de exportação de petroquímicos básicos da Braskem e responsável pelo escritório em Houston. Agora, segundo ele, a companhia estuda a distribuição própria a partir da cidade. O projeto está em fase inicial de estudos e poderá ser colocado em prática em "um ou dois anos", diz. De acordo com o executivo, o escritório negocia anualmente US\$ 650 milhões só de químicos básicos. Entre os fatores que pesam a favor de Houston Carnaúba cita a alta concentração de contatos comerciais do setor de petróleo e petroquímica, as facilidades logísticas abertas por uma ampla malha ferroviária e o custo favorável de implantação de um escritório na cidade. A Braskem também tem, nas proximidades, uma fábrica de resinas termoplásticas (polipropileno), uma das três herdadas com a compra da Sunoco nos EUA, em 2010, por cerca de S\$ 350 milhões.

Fonte: *Brasil Econômico*.

Agenda

Café da manhã da Abief

A Associação Brasileira da Indústria de Embalagens Plásticas Flexíveis (Abief) promoverá, no dia 26 de abril, a palestra "Do lixo à matéria-prima: uma nova perspectiva para as embalagens", com o presidente da TerraCycle no Brasil, Guilherme Brammer. Informações pelo telefone (11) 3032-4092 ou pelo e-mail: abief@abief.org.br

Brasilplast 2011

Começam os preparativos para a 13ª edição da Brasilplast, a principal feira do setor do Plástico na América do Sul, que acontece entre os dias 9 e 13 de maio, no Pavilhão de Exposições do Anhembi, em São Paulo. O evento contará com cerca de 1.300 expositores, de 30 países e espera um público em torno de 65 mil visitantes/compradores, de 60 países. O evento é realizado pela Reed Exhibitions Alcântara Machado. O Siresp apoia esta iniciativa. Mais informações no site www.brasilplast.com.br.

CARAVANA SIMPEP

BRASILPLAST/2011

**13a. FEIRA INTERNACIONAL
DA INDÚSTRIA DO PLÁSTICO
Anhembi - São Paulo - SP.**

09 a 13 de maio de 2011 – das 11h00 às 20h00.

**Visando incentivar a visita à feira e conhecer os grandes lançamentos globais, estamos organizando uma caravana, paga pelo Simpep, aos diretores de indústrias associadas, com transporte em Ônibus duplo deck leito/turismo, e 1(uma) diária no Hotel Century Paulista(Rua Teixeira da Silva, 647 – Paraíso):-
saída - 10.05(07h00)
retorno - 11.05(a combinar)
"vagas limitadas"**

INTERESSADOS, FAVOR LIGAR URGENTE:

(41)3224-9163, ou mandar e-mail simpep@simpep.com.br

Inscrição para a Feira

Faça seu credenciamento pelo site: www.brasilplast.com.br

É simples, fácil e gratuito

É necessário inscrição prévia



ASSESSORIA DE COMUNICAÇÃO

WBC COMUNICAÇÃO

Fone/Fax: 41 32470569 - Celulares: 41 91687616 - 41 91326135

E-mail: wbc@sulbbs.com.br